

CARREIRA MILITAR: MISSÃO DUPLA O DEVER NOS APONTA

FABÍOLA PERES DE SOUZA¹; LÚCIO MENEZES FERREIRA ³

¹Universidade Federal de Pelotas 1 – faloscabi@gmail.com 1

³Universidade Federal de Pelotas – luciomenezes@uol.com.br

1. INTRODUÇÃO

A história do exército brasileiro está atrelada a proclamação da República Federativa do Brasil, bem como a diversos conflitos nacionais: Revolta do Forte de Copa Cabana, movimentos tenentistas (1922-1927), Revolução de 1930, entre outros. Sendo assim, analisar a memória institucional do exército também possibilita investigar a constante negociação entre o estado brasileiro e os militares, por exemplo, a deposição de Washington Luiz apoiada pelo exército e a ascensão de Getúlio Vargas à presidência, em 1930.

Dessa maneira, cabe uma reflexão sobre a estrutura do exército e seus agentes. Uma instituição fundamentada na hierarquia e disciplina. Porém concebida na heterogeneidade, permeada de fragmentações e conflitos entre os vários grupos de poder organizados sob a sua normatização. A fim de, compreender a estrutura é necessário a análise da carreira militar, para tanto foram exploradas os seguintes aspectos referentes aos aspirantes-a-oficiais a partir das décadas de 1900-1950: Filiação, data de nascimento, profissão dos pais, cônjuge, ascensões à patentes e ocupações a cargos ao longo da carreira.

O período selecionado para tal averiguação se justifica na intensidade dos acontecimentos a partir de 1900, após a proclamação da república o exército sofre a interferência direta dos ideais positivistas, nesse contexto é verificado uma das primeiras divergências no interior da estrutura a competitividade dos militares que lutaram na guerra do Paraguai, chamados pejorativamente de tarimbeiros pela nova oficialidade entusiasmada com os princípios positivistas. Nesse momento há uma reestruturação da força, em busca da modernização e do “espírito militar”.

O recorte de cinquenta anos possibilita a avaliação de duas gerações de militares ingressantes no exército, sabe-se que a carreira militar até a ascensão máxima de marechal, leva em média 50 anos, às patentes de acordo com a hierarquia são: aspirante-a-oficial, segundo-tenente, primeiro-tenente, capitão, major, tenente-coronel, coronel, general-de brigada, general-de-divisão, general de exército e marechal.

Por fim, a pesquisa é capaz de mapear meio século de história militar, além disso lançar uma nova perspectiva de História do Brasil com base no constante diálogo entre o estado e o exército.

2. METODOLOGIA

A pesquisa foi direcionada à análise de elementos da carreira militar no Exército brasileiro, tendo como recorte as décadas de 1900-1950. Tal estudo orientou-se pelo método prosopográfico. Por meio dele foi elaborado um banco de dados, denominado *corpus* documental, estruturado inicialmente com base no projeto: “Visões do Golpe”, da Fundação Getúlio Vargas, realizado por meio de algumas entrevistas de História Oral com militares na ativa em 1964, testemunhas/ participantes do golpe civil-militar no Brasil. No decorrer do estudo,

o número de entrevistados era insuficiente, pois o horizonte da pesquisa ponderou a necessidade de chegar a uma amostra mínima de cinquenta nomes. Destarte, essa bibliografia mencionada forneceu informações essenciais, pois os depoentes trouxeram vários nomes de militares não tão conhecidos pela historiografia brasileira, assim, a composição do banco de dados em parte foi garantida pelas narrativas desses oficiais.

A pesquisa seguiu seu curso, agora, no Dicionário Histórico Biográfico-Brasileiro pós-1930 fundamental para a composição do corpus documental. Dessa forma cinquenta nomes foram selecionados todos de militares pertencentes ao Exército. Além dessa metafonte relevante para prosseguir com a análise foi o Diário Oficial da União na sessão a Ordem do Dia, disponível na página oficial do DOU.

Após os primeiros procedimentos de pesquisa o corpus foi organizado em três tabelas no programa Excel, a primeira com nome, filiação, data de nascimento, cônjuge, escola de formação. A segunda ascensão a patentes, e a terceira com cargos e ocupações ao longo da carreira militar.

Ao avaliar a estrutura do Exército pode-se pensar em uma atividade “religiosa” ou ritualística, pois a construção da própria carreira militar se dá em meio a rituais de construção de uma imagem, demonstração de hierarquia, comportamento, vestimentas e ornamentos simbólicos. O uso não só da farda, mas o nome indicando a patente, as medalhas exibidas, nominadas de medalha de honra da ordem do mérito militar, evidenciam a própria organização em estamento, além do dever de cada membro da instituição.

A esse modelo de comportamento institucional pode ser pensado o capital social na criação de redes de influência, tal como a ideia de um tipo ideal de militar, além da memória institucional.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao analisar as porcentagens de indivíduos na ativa a partir da década de 1910 até 1930 chega-se a quase 60 %, ou seja, 28 militares participaram de um ou mais dos seguintes movimentos: Tenentismo de 1922 e Revolução de 1930. Além de atuarem na deposição de Washington Luís em prol da ascensão de Getúlio Vargas. Também combateram na Revolução Constitucionalista de 1932, no Golpe do Estado Novo de 1937 e na deposição de Getúlio Vargas em 1945.

Além destas observações originadas do *corpus* documental, uma delas ou talvez a mais interessantes fora dada pela origem escolar desses oficiais, pois mais de 90 % adentraram a carreira militar na Escola Militar do Realengo, no Rio de Janeiro. Dessa forma, constata-se que os indivíduos participantes do golpe civil-militar 1964 estavam em formação profissional e psíquica há no mínimo três décadas, porém não só os conhecidos (Humberto de Alencar Castelo Branco, Artur da Costa e Silva, Emílio Garrastazu Médici, Ernesto Geisel e João Figueiredo). Todavia, existiam coadjuvantes e procurando escapar de uma dicotomia grosseira, eventualmente grupos menos institucionalizados dentro do Exército também fizeram parte de capítulos não tão explorados historicamente por meio da metodologia pretendida.

Não são raras as “quarteladas” dos aspirantes- a-oficial, também não são raras as conspirações orquestradas pelos generais, a ESG¹ e o próprio Clube Militar ambos centros de confabulações. Para fazer partes desses “recantos

¹ Escola Superior de Guerra, fundada em 1949.

conspiratórios” era necessário um capital social², um sentimento de identificação capaz de criar um status de grupo, coletividade e principalmente confiança.

4. CONCLUSÕES

O exército mesmo organizado em um estamento embasado na hierarquia e disciplina, tem ao longo da história demonstrado que é possível negociar e transcender as regras. Contudo, dedicar-se a entender como se inicia a carreira de um militar e, principalmente, os vínculos criados ao longo desta permite entender qual o tipo ideal almejado pela instituição e como efetivamente se estabelece na realidade. Por fim deve-se ressaltar a capacidade da estrutura de comportar esse cabedal de identidades conflitantes (radicais, legalistas, democrático) sem perder a sua morfologia, ou seja, sua organização estamental.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE JR, Hermes. Matrizes ideológicas presentes no segmento militar brasileiro: o caso do clube militar(1950-1964). Rio de Janeiro: Revista Eletrônica de Ciências Sociais. Ano I, nº 1, julho/dezembro de 2001.

ABREU, Alzira Alves de et al (Coord.). Dicionário histórico-biográfico brasileiro: pós-1930. 2. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: FGV, 2001. 5 v., il.

BOURDIEU, P. O capital social – notas provisórias. In: CATANI, A. & NOGUEIRA, M. A. (Orgs.) Escritos de Educação. Petrópolis: Vozes, 1998.

BULST, N., Sobre o objeto e o método da prosopografia, in: Politeia: História e sociedade, v. 5, n. 1, 2005, p. 47-67.

BRASIL. Forças Armadas: postos e graduações. Disponível em: <<http://www.fab.mil.br/postosegraduacoes>> acesso em: 18 nov. 2014.

BRASIL. Portaria nº 001, de 2 de janeiro de 2002. Aprova o Regulamento para os Tiros-de-Guerra e Escolas de Instrução Militar (R138). Disponível em: <<http://www.1rm.eb.mil.br/documentos/servico-militar/tiro-de-guerra/R-138.pdf>> acesso em: 18 nov. 2014.

CANDAU, Joel. Memória e Identidade. São Paulo: Contexto, 2011.

² O capital social é o conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados á posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimentos e de re-conhecimento ou, em outros, á vinculação a um grupo, como agentes que não somente são dotados de propriedades comuns (passíveis de serem percebidas pelo observador, pelos outros ou por eles mesmos), mas também são unidos por uniões permanentes e úteis. Essas relações são irreduzíveis ás relações objetivas de proximidade no espaço físico (geográfico) ou no espaço econômico e social porque são fundadas em troca inseparavelmente materiais e simbólicas cuja a instalação e perpetuação supõe o re-conhecimento dessa proximidade. [...] (BOURDIEU, 2007)

CARONE, Edgard. "A República Velha- Instituições e classes sociais". São Paulo: Difel, 1970.

CARVALHO, José Murilo de. Forças Armadas e Política no Brasil. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005

CARVALHO, José Murilo. A formação das almas. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CHARLE, Christophe. "A prosopografia ou biografia coletiva: balanço e perspectivas" In: HEINZ, Flavio M. (org) Para uma outra história das elites. Ensaio de prosopografia e política. Rio de Janeiro, FGV, 2006

D'ARAÚJO, Maria Celina; SOARES, Gláucio Ary Dillon; CASTRO, Celso. Visões do Golpe: A memória militar de 1964. Rio de Janeiro: Ediouro, 1994.

FAUSTO, Boris; HOLANDA, Sérgio Buarque (orgs.). História Geral da Civilização Brasileira: Sociedade e política 1930-1964. São Paulo: Bertrand Brasil, 1996. Tomo III, v. 10.